

ADOLESCENTES NUM CONTEXTO FUNDAMENTALISTA PENTECOSTAL GAÚCHO

Gisela I. W. Streck

Luciano de Carvalho Lírio

É um conceito escorregadio o conceito/condição da adolescência em tempos de liquidez, (BAUMAN, 2007, p.5), portanto proponho a análise da adolescência vivida nos espaços religiosos fundamentalistas, sendo mais específico em duas denominações nascidas no Rio Grande do Sul. Observando que manifestações culturais se produzem nesse cenário, busco como referencial teórico-metodológico as contribuições da Psicologia, da Sociologia, das Ciências Biológicas e sua articulação com a Teologia e a Pedagogia sob a perspectiva pós-moderna.

Adoto o termo adolescente segundo a Organização Mundial de Saúde, que estabelece a adolescência entre os 10 e os 19 anos de idade, por contemplar os aspectos biossomáticos da adolescência fundamentais na pesquisa. Considero insatisfatória a faixa etária entre 12 a 18 delimitada no ECA, por considerar que essa demarcação etária é fruto de uma ação legalista do Direito que identifica o fim da adolescência com a maioridade civil no Brasil e incompleta pois subtrai os dois primeiros anos da fase inicial da adolescência onde se iniciam as transformações corporais e as alterações psíquicas como frutos do início da puberdade e os dois anos finais, caracterizados pela inserção do adolescente no mundo adulto.

No presente trabalho, busco analisar como os adolescentes constroem e compartilham formas particulares de entender o mundo globalizado, compreendem a realidade que se desenha a sua volta e expressam a fé em um contexto fundamentalista pentecostal gaúcho.

O conceito de identidade é complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea, segundo Stuart Hall, que nos indaga “se é possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral?” (HALL, 2000, p.84)

As Identidades adolescentes no ambiente fundamentalista

Os adolescentes são encarados pelas suas lideranças como um bloco monolítico em fase de transitoriedade, um eterno *vir a ser*. Ele é visto como quase adulto, quase moço (a), quase um ministro, quase alguém capaz de se sustentar. Há

uma valorização por parte dos adultos do presente vivido em comunidade como espaço válido para a sua formação. A convivência no templo é considerada um espaço e um tempo de construção da identidade cristã adulta desses juvenis.

Diante da rigidez nos hábitos comportamentais nos cultos, é em casa ou na rua que os adolescentes vivenciam a sua noção de moratória, definida por Erikson como uma permissão da sociedade para os erros e acertos um tempo permitidos aos adolescentes para se organizarem. Esse é o conceito de moratória das gerações pós-guerra que viam a adolescência como uma fase de experimentação, sem grandes cobranças. Esse conceito de moratória é reconfigurado pela pós-modernidade que apresenta a adolescência como um período mais curto e com responsabilidades.

São nos espaços construídos por esses adolescentes que eles convivem com ensaios e erros, sempre marcados pelo hedonismo e irresponsabilidades que na esfera religiosa e familiar produzem sanções disciplinantes.

Esses adolescentes constroem um determinado estilo de ser juvenil alicerçado no cotidiano deles. É uma realidade dualista, pois eles transitam simultaneamente entre um ambiente fundamentalista e diversos ambientes pós-modernos. Esses adolescentes passam a desenvolver uma vida dicotômica em que adotam egos posições mediante o ambiente em que estejam inseridos.

Superação, cautela e resiliência são palavras de ordem em todos os ambientes fundamentalistas, ao contrário do senso comum que enxerga esses nichos reacionários como espaços esterilizados desprovidos de manifestações culturais. O surgimento de uma moda para *crentes* demonstra que se a indumentária é sinal de roupa, nem sempre a roupa é sinônima de moda. A roupa é uma expressão da moda. Adolescer numa comunidade imaginada influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Essas denominações reconhecem que a identidade de um cristão pentecostal gaúcho não está impressa literalmente no seu DNA, mas é construído e assimilado.

Até os seus onze a doze anos a literatura juvenil se dá através de narrativas que buscam construir um mundo linear e real, sem abstrações e estimulando de forma mais intensa nos adolescentes o sentimento/ desejo de pertencer ao grupo, sempre evocando as histórias bíblicas, relatos de pregadores, os símbolos e as doutrinas denominacionais. Após esse período inicial, os adolescentes/jovens são desafiados a estabelecerem relações mais confiáveis com a liderança institucional e com Deus de

maneira cada vez mais individualizada e personificada, mas mantendo um padrão de cultura homogênea.

A crise acontece nos dois últimos anos da adolescência, quando já são classificados como jovens e passam a serem vistos como símbolos de vigor, de força, e, de fato, da existência perpetuada da denominação. O tempo da relativa moratória acabou.

É o momento em que esse adolescente adultizado tem que optar em assumir uma identidade cultural e demonstrar que está em casa, permanecendo nos parâmetros que lhe foram estabelecidos; *cruzar a fronteira* e se retirar da denominação, optando pelo “outro” ou optar em permanecer na instituição não respeitando esses sinais que delimitam artificialmente a territorialidade, produzindo novas identidades.

Nesse período, o adolescente através do seu *ego executivo* pode a questionar de maneira reflexiva os sistemas de representação que lhe foram apresentados, as estruturas discursivas e narrativas que aprendeu nas classes bíblicas e as relações de poder a que esteve atrelado até então. Podendo o indivíduo adotar posições contraditórias durante a sua existência, ele vive o momento de estruturação final da sua identidade em um ambiente que acredita que essa é uma essência dada, um fato acabado, transcendental e permanente.

Tradutores e traduzidos

Esses adolescentes começam a serem tradutores de vários mundos. A tradução representa outra possibilidade, outro caminho, uma nova via. Ele transita entre espaços, saberes e conceitos sendo impregnado por estes, mas também imprimindo a sua marca nesses lugares. É importante lembrar que toda tradução apresenta entropia, ou seja, alguma perda do sentido original, daí a pluralização de novas manifestações culturais e da relativização dos valores o que promove uma sensação de insegurança e incerteza diante de valores outrora inegociáveis (HALL, 2000, p.88).

São adolescentes traduzidos. Eles mantêm a sua noção de pertencimento a um lugar comum, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Os conflitos no início da adolescência são normativos e normais. É na passagem para a vida adulta que a crise é mais séria e nem um pouco romântica. É o adulto buscando o período da moratória, pois este lhe foi roubado na sua adolescência.

O encurtamento da adolescência, interrompida entre os seus 12 a 15 anos, ou seja, na fase inicial, obriga-o a optar entre a tradição e a tradução, sempre oscilando entre ambas.

O adolescente criado num ambiente fundamentalista é obrigado a negociar com as novas culturas sem se comprometer totalmente pelos seus modismos a fim de não perder completamente a sua identidade e filiação com a instituição, pois ele não deseja ser banido desta. Ele deseja continuar pertencendo ao *seu* grupo na igreja, pois ali é o espaço que contém traços de todas as identidades com que convive. É um lugar de troca, de identificação e de reprodução de uma cultura criada a partir das subjetividades do grupo. Essas manifestações culturais não podem ser unificadas, pois são produto de várias identidades interconectadas, pertencentes a todas essas culturas ao mesmo tempo (HALL, 2000, p.84).

Esses adolescentes como sujeitos sociais constroem um determinado modo de ser, partindo do cotidiano deles. É um cotidiano dualista, dicotômico, traduzido que transpõe, transfere, transporta entre fronteiras. São indivíduos pertencentes a dois mundos ao mesmo tempo, tendo sido transportados através das infomias, da mídia, dos artefatos e sensações nos seus múltiplos espaços e territórios juvenis (HALL, 2000, p.84).

Num cenário em que exigida uma aproximação com uma perfeição comportamental e doutrinária e o próprio texto sagrado advoga que ninguém consegue ser perfeito, logo todo mundo está sujeito e passível de punição. Esses adolescentes buscam o fiel da balança entre punição e recompensa, inclusão e exclusão e aprovação e desaprovação. Eles mantêm o vínculo com as suas origens, mas sem interesse com quem viveu antes deles nascerem é um espaço de duplicidade e não monolítico.

Tradutores e traduzidos constroem culturas híbridas que não contêm mais nenhuma das identidades originais integralmente, embora sobre traços destas, isso causa confusão e afeta o poder, pois cria um “terceiro espaço” (HALL, 2000, p.96).

Esses adolescentes denotam e apontam por si só a diferença assimétrica em relação com as suas lideranças construindo brechas, fendas, inter-espaços que possibilitam os seus questionamentos, por meio das suas subjetividades, mas também porque permitem o contato entre diferentes identidades.

Eles demonstram um jeito próprio de viver, através da sua maturação biopsicológica e social. A roupa escolhida é um exemplo da dualidade das

influências. O *look* é o momento em que o adolescente cria uma relação interior com o seu corpo que se encontra em contínua mudança, mas que também é influenciado pelo seu meio social. Há um momento de significação cultural e social que dialoga com a internalização psicológica do indivíduo adolescente.

Ele constata nas limitações impostas pela igreja ao montar o seu próprio visual de que é um sujeito inserido num contexto social; com uma história de vida, uma memória religiosa e familiar e que é portador de preferências individuais, pois sofre se alegra e emite opiniões sob aquilo que lhe é imposto. Há uma reação contra a castração identitária. Ele é um ser social e ao mesmo tempo uma criatura singular. É o princípio da alteridade: “Um ser que se constrói a partir das relações sociais nas quais se insere” (YUNES, 2003, p.76).

Heróis da Resistência

Mas além da alteridade e da tradução, a adolescência no cenário fundamentalista pentecostal gaúcho é marcada como uma fase de altíssima resiliência, ou seja, a capacidade de se adaptar e sobreviver às dificuldades. A adolescência com as suas alternâncias são reconhecidas como tal por definição, mas esses adolescentes convivem com o ensinamento de que devem praticar e assumir um *modus vivendi* atípico aos modismos mundanos.

É um adolescente que desde criança é ensinado a ser diferente dos outros; no caso dos meninos não pode jogar bola, soltar pipa, andar de bermuda, andar sem camisa e no caso das meninas não usar maquiagem, cortar o cabelo, usar calça comprida nem brinco.

Se nas gerações de outrora os adultos exerciam um maior poder de policiamento sobre os mais jovens, na atualidade essa adolescência escapa pelos espaços virtuais, pelas infovias e através da telefonia celular. Esse adolescente precisa viver o seu momento social, ele precisa aparecer para ser visto e existir, pois quem não é notado não existe verdadeiro é o que é revelado, mostrado, exposto.

A Igreja não é mais a extensão da casa e vice-versa, a vida, as paixões, os discursos são fragmentados. O fundamentalismo pentecostal gaúcho na sua tentativa tardia de reviver uma pureza pentecostal perdida cria verdadeiros heróis da resistência no cenário evangélico brasileiro.

Nas demais regiões brasileiras onde a porcentagem de evangélicos ultrapassa um quarto da população geral em alguns Estados como Rondônia, Rio de

Janeiro e Espírito Santo os adolescentes integrantes das denominações pentecostais mais rígidas em matéria de usos e costumes contam com o consenso da população influenciada pela cultura gospel brasileira. No Rio Grande do Sul esses adolescentes não chegam à marca dos 10% no cenário juvenil gaúcho (IBGE, 2000).

Ele criar uma vestimenta típica que lhe permite transitar em vários espaços sem sofrer sanções dos pais e dos líderes religiosos, mas também não pode se expor diante dos seus pares nos espaços de convivência juvenil. Ele precisa ser suficientemente aceitável pelos outros adolescentes e o bastante tolerável para os padrões da igreja e da família, pois ao transitar em locais públicos ele emite códigos de linguagem em ambas as direções que sobre ele exercem.

Nos ambientes fundamentalistas, a arte de observar é uma qualidade valorizada. Observar é importante para esses adolescentes para continuar sobrevivendo socialmente, onde tudo é interpretado. Eles não apenas notam, mas são notados e dessa cultura de repressão dos sentimentos e ações da alma humana é que os adolescentes moldam e deixam-se moldar pela cultura teen gospel.

Apresentar-se socialmente aceitável para os padrões comportamentais prescritos no regimento interno da denominação, serve como bônus para alcançar um relativo descaso por parte dos pais e autoridades eclesiais para realizar atos privados sem que se tornem públicos e contar com um castigo menos severo quando cometer algum delito comportamental do que aqueles adolescentes considerados como *ovelhas negras, desviados ou problemáticos*.

Os adolescentes comunicam entre si, por signos, impressões, marcas e linguagens. Indivíduos de uma mesma faixa etária *chamam-se*, procuram-se, encontram-se e podem evitar-se, manter-se à distância. A comunicação visual é uma marca da pós-modernidade. O mundo todo é um imenso emaranhado de sinais, de advertências, de chamamentos.

A identidade religiosa desses adolescentes gravita em torno da tradição. O processo de opção por elementos de fé variados, leva num primeiro momento à fragmentação e causa uma impressão nos líderes e nos pais de que os adolescentes estejam rejeitando por completo os princípios doutrinários, mas o que eles estão fazendo através da desconstrução dessas heranças psicossociais é a atualização desses conceitos a fim de digeri-los, absorve-los.

É necessário *trocar de pele* a cada geração para que as marcas mais profundas permaneçam sob o viço da juventude. Eles não estão descartando a sua fé,

estão reciclando e criando novos usos para a sua religiosidade. O que vemos é uma usina de reciclagem da fé e da religiosidade. Os novos movimentos religiosos não estão surgindo nas cátedras universitárias ou nos seminários teológicos, mas nos espaços e territórios ocupados pelos adolescentes. Se desejarmos saber como serão as nossas igrejas daqui a vinte anos, prestemos atenção nos nossos adolescentes.

Conclusão

Compreendo os adolescentes como sujeitos juvenis que estão inseridos em um projeto ideológico fundamentalista pentecostal como indivíduos que desenvolvem a sua identidade no conjunto de fé de que se apropriam diante das dificuldades na compreensão da sociedade pós-moderna que os identifica como adolescentes periféricos, independente da condição social ou status financeiro.

Esse adolescente mantém um diálogo com o seu ambiente, pleno de perguntas e respostas. É interessante observar que ambas as partes modificam-se um pouco: o indivíduo adapta-se às condições externas e estas se adaptam em parte às exigências próprias desse grupo

Ao produzir manifestações culturais esse adolescente acelera a sua própria evolução em um contexto que pretende transmitir uma imagem estática e imutável, pois os jovens e adolescentes aplicam à sua mesma faixa etária os seus inventos e experimentações. Na busca dos adultos domesticarem os adolescentes eles próprios são domesticados.

O adolescente é convidado a vivenciar a realidade artificial que mais lhe convêm, seja tradicional, liberal ou híbrida. Pois nesses tempos de modernidade tardia, tudo é fundado para o bem estar moderno, até quando se percebe a ausência dele. O indivíduo vende e troca a sua consciência pelo meio em que está. As relações não apenas se interferem, mas se constituem.

Reconhecendo que a identidade também é um ato performático, as identidades adolescentes vão se constituindo no cenário pentecostal fundamentalista gaúcho como efeito do processo de produção desses atores majestosamente inacabados, fragmentados, instáveis que estão inseridos numa cultura contraditória.

Não é apenas a instituição que deixa a sua marca no homem, mas o homem além de ser a gênese da instituição é ele quem a molda e lhe dá forma. A relação não é fixa, unificada nem definitiva. Muda de acordo como o sujeito é representado pela instituição e como essa é reconfigurada pelo indivíduo.

É importante continuar problematizando como são produzidas essas identidades no cenário fundamentalista pentecostal gaúcho, dialogando com as teorias que buscam explicar e descrever o processo de produção da identidade, arriscando fugir do que já está estabelecido, do consensual e do conhecido.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

HALL, Stuart. *A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo*. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, Faculdade de Educação da UFRGS, v. 22, n. 2, p. 17, 1997.

_____. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. DP & A Editora, 2000.

IBGE. Censo Demográfico, 2000.

YUNES, M. A. M. *Psicologia Positiva e Resiliência*. Paraná: Psicologia em Estudo, 2003.

ZUCCO, L. *Sexualidade na adolescência no novo milênio*. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2000.